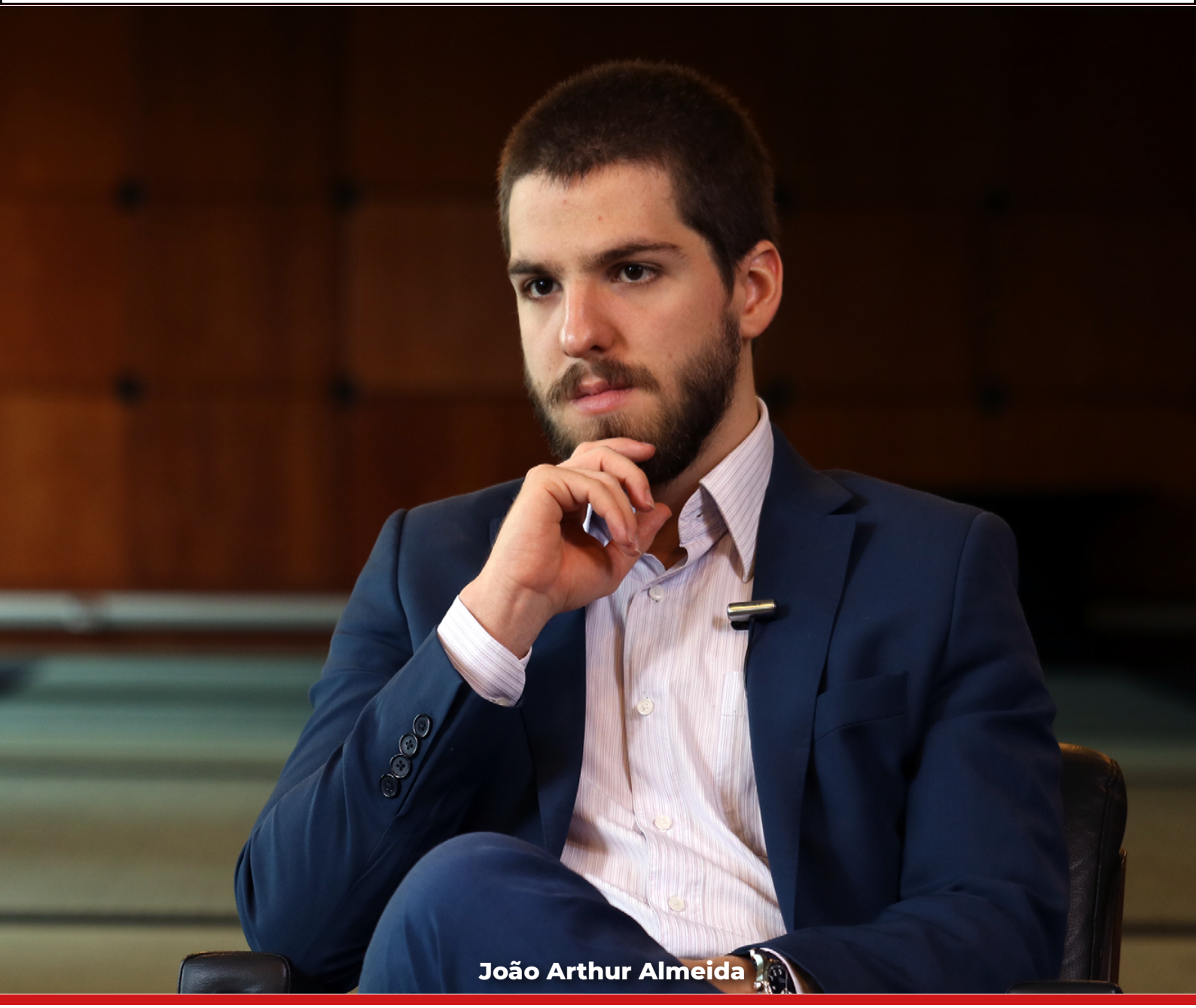
Principais **ERROS** do investidor iniciante e como **EVITÁ-LOS**



SUNO

Sumário

Introdução — 3

1 Expectativas irreais — 4

2 Começar tarde demais — 8

3 Não analisar a qualidade das empresas — 12

4 Ignorar a variável preço — 14

5 Não diversificar — 17

6 Viés de confirmação — 21

7 Excesso de confiança — 23

8 Vender os lucros e manter as perdas — 25

Conclusão — 29

Introdução

Desde 2019, o número de investidores pessoa física na bolsa vem crescendo de forma acelerada. Com o isolamento social decorrente da pandemia do coronavírus, esse processe se intensificou.

Para se ter uma ideia, quando a **Suno** foi criada, em 2017, existiam cerca de 500 mil investidores pessoa física no Brasil. Cerca de três anos e meio depois, em julho de 2020, já havia 2,8 milhões de investidores.

Nesse sentido, o objetivo deste ebook é apontar os maiores erros do investidor ao iniciar no mercado financeiro, bem como as maneiras de evitá-los.

O material é dividido em oito capítulos, nos quais compilamos os principais erros do investidor iniciante, trazendo exemplos práticos e reais que aconteceram e acontecem na renda variável.

Com isso, desejamos que você acumule sabedoria para enfrentar os ciclos da bolsa, além de evitar perdas irrecuperáveis. Como já dizia o provérbio chinês, “os sábios aprendem com os erros dos outros; os tolos, com os próprios erros; e os idiotas não aprendem nunca”.

1 Expectativas irreais

Já sabemos que centenas de milhares de pessoas entraram recentemente no mundo da renda variável, mas o que devemos entender é por que e como isso foi possível.

Sem dúvidas, a tecnologia foi um fator preponderante para chegarmos a quase 3 milhões de investidores na renda variável.

Isso porque, antigamente, era muito oneroso abrir uma conta em uma corretora e aportar mensalmente. Cobravam-se muitas taxas, tais como corretagem e custódia, e pagava-se TED para enviar o dinheiro, entre outros fatores.

Por outro lado, atualmente, inúmeras corretoras já oferecem acesso a seus produtos gratuitamente, incentivando as pessoas a entrar na renda variável.

Além disso, uma nova via de informação se popularizou: as redes sociais. Elas serviram para impulsionar o conteúdo de investimento, tornando-o acessível aos mais diversos perfis.

A própria **Suno** fez parte desse processo, distribuindo milhares de ebooks a centenas de pessoas, que se tornaram novos investidores.

No entanto, nem todos ingressaram no mercado financeiro dispondo de um conhecimento satisfatório e buscando retorno no longo prazo. Muitos acreditam que a bolsa de valores fará com que eles fiquem milionários rapidamente, negligenciando os riscos da renda variável.

Não faltam exemplos de como esse pensamento foi absorvido por alguns, inclusive porque viram propagandas – principalmente no YouTube –, em que se afirma que é possível ficar milionário facilmente.

Nesse contexto, cabe lembrar as sábias palavras de **Tiago Reis**, sócio-fundador da **Suno Research**: "o único dinheiro fácil está em vender promessa de dinheiro fácil. No mercado financeiro não existem atalhos. Se tem promessa de dinheiro fácil, nem precisa ler o que vem em seguida".

Na verdade, o mercado financeiro é um grande criador de valor no mundo inteiro, incentivando a criação de inúmeros negócios. Grandes empresas, como Apple, Facebook, Microsoft, Amazon e Google somente conseguiram ganhar a escala global que têm hoje porque conseguiram captar dinheiro via ofertas públicas de ações.

No entanto, o processo de consolidação levou décadas – ele não aconteceu do dia para a noite. A maturação de negócios é um processo longínquo que começa com ideias, perpassa o planejamento e somente depois é executado. Essa execução pode levar inúmeros anos até ganhar escalabilidade.

Ao investir em ações, o investidor tem que entender que está comprando uma parte da empresa e que será sócio dela. O retorno do investimento virá de acordo com o crescimento da empresa, com seus lucros e com o caixa gerado nas operacionais.

De uma maneira geral, os novos investidores têm certa dificuldade de entender a diferença entre um investimento e uma especulação – usada no *day trade*.

- **Investimento** – está atrelado à capacidade de geração futura de caixa de algum negócio, empresa ou bem. Nessa espécie, o investidor deve avaliar o negócio, buscando entender seus fundamentos e indicadores de desempenho. Por exemplo, adquirir alguns imóveis pensando em quanto receberá em aluguéis futuros todos os meses. Assim, um investidor deverá analisar o preço por metro quadrado, a localização e os aluguéis dos imóveis próximos. Outro exemplo seria a aquisição de uma fazenda visando à produção futura.

- **Especulação** – diferentemente dos investimentos, o especulador não está preocupado com a geração futura de caixa dos bens adquiridos, mas tão somente com sua venda a preços maiores do que os da compra. Por exemplo, adquirir uma obra de arte imaginando que, no futuro, alguém pagará mais por ela.

Para um especulador, um lote de ações de uma empresa não é muito diferente de uma barra de ouro ou de uma quantia de moeda estrangeira – ou ainda de um quadro de arte abstrata, desde que alguém esteja disposto a pagar mais caro pelo objeto. Tipicamente, o especulador tem uma mentalidade de curtíssimo prazo.

Já o investidor age como parceiro das empresas. Dessa forma, o que o acionista recebe nada mais é do que uma parte dos lucros operacionais da companhia – essa parte é conhecida como **dividendo.**

O esforço do investidor vem da análise para compreender as projeções dos negócios em vista, além de paciência e disciplina para permanecer um longo tempo com recursos aportados em uma companhia com atuação na economia real.

Nesse sentido, algumas pessoas entraram na renda variável buscando não um investimento, mas um modo de especular, e acreditando que poderão obter retornos expressivos em um curto período.

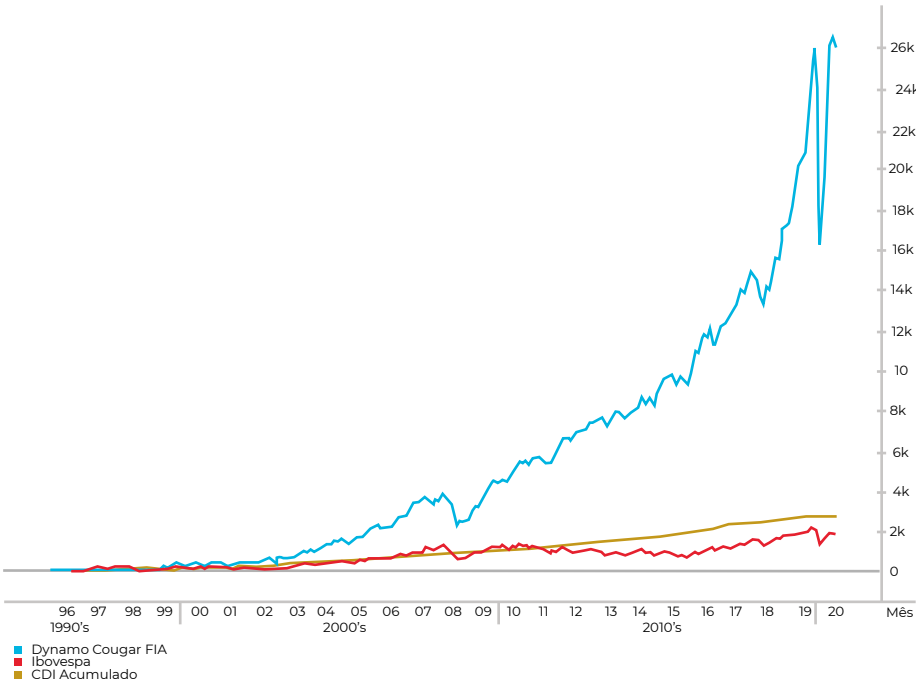
No entanto, como sabemos, quanto maior o retorno esperado, maior o risco.

De fato, não existe almoço grátis no mercado. Justamente por esse motivo, muitos iniciantes não duram muito tempo na bolsa, começando na renda variável logo em opções e derivativos, ou seja, buscando especular – não investir.

Para se ter uma ideia, **Warren Buffett**, CEO da Berkshire Hathaway, um dos melhores investidores do mundo e considerado por muitos o melhor investidor de todos os tempos, obteve um retorno médio anual de cerca de 20% durante 50 anos, sem contar a inflação.

Isto é, se o melhor investidor de todos os tempos obteve uma rentabilidade média de 20% por ano, como um investidor iniciante imagina obter mais de 100% por ano? Ou em algumas semanas... Trata-se de uma expectativa equivocada e irreal, anunciada por alguns para vender cursos ou assinaturas.

Outro exemplo é o fundo da **Dynamo**, considerada uma das melhores gestoras de recursos do país. Esse fundo obteve uma rentabilidade de cerca de 26% ao ano em 24 anos.



Portanto, o investidor deve manter sua expectativa a respeito do mercado financeiro dentro de algo real, factível. Não deve expor-se a riscos desnecessários, os quais poderão gerar perdas irreparáveis.

Vemos, assim, que um dos maiores erros do investidor iniciante está em criar expectativas de que obterá retornos muito elevados, acreditando que fará fortuna em pouco tempo.

Certamente, não é possível. O retorno vem com o tempo e exige muita disciplina e estudo. Se você seguir no jogo com disciplina e estudo por muito tempo, sem dúvida, com o passar dos anos, seu retorno será compensador – apenas não espere que isso ocorra do dia para a noite.

2 Começar tarde demais

Existe um paradoxo quando pensamos no tempo ideal para investir. Algumas pessoas se consideram muito novas para fazê-lo – até porque sua renda normalmente é mais baixa – e desejam aproveitar a vida sem pensar no amanhã.

Por outro lado, outras pessoas se consideram muito velhas para investir – porque, apesar de terem relativa estabilidade financeira, acreditam que o tempo para investimentos já passou – e costumam se concentrar nas demandas diárias.

Em qualquer idade, há aqueles com certa dificuldade de pensar em um horizonte mais longo de tempo – 10, 20, 30 anos –, dedicando-se a viver o presente sem planejar o futuro.

No entanto, vamos ver que o tempo é fundamental para a maturação dos investimentos. Inclusive, é o tempo que faz com que os juros compostos ajam, permitindo que os investimentos cresçam exponencialmente.

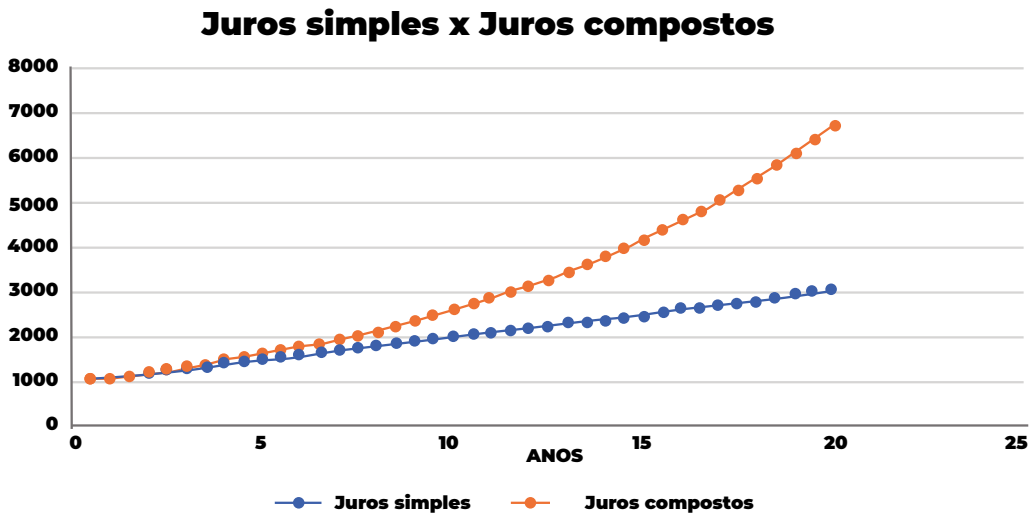
De início, vamos entender a relação entre os juros compostos e os investimentos, bem como o motivo de eles serem importantes.

- **Juros simples** – são os juros calculados apenas em cima do montante aplicado, ou seja, do capital inicial.

- **Juros compostos** – são os juros calculados sobre o montante aplicado somado aos juros acumulados em cada período, ou seja, o famoso juros sobre juros.

Assim, enquanto os juros simples sempre serão calculados com base no valor inicial, os juros compostos são sempre atualizados em cada período, gerando um retorno exponencial.

O gráfico a seguir mostra a diferença entre eles.



Observamos, no gráfico, que a evolução do patrimônio é muito mais acentuada no regime de juros compostos.

Nesse método, somamos os juros ganhos nos anos anteriores ao capital inicial, o que aumenta o valor desse capital principal. Os juros dos períodos seguintes então serão cobrados em cima desse novo valor. Assim, os juros vão crescendo de forma exponencial.

Dessa forma, vemos que a variação não é tão significativa nos primeiros anos. Entretanto, conforme o tempo passa, o ganho cresce exponencialmente.

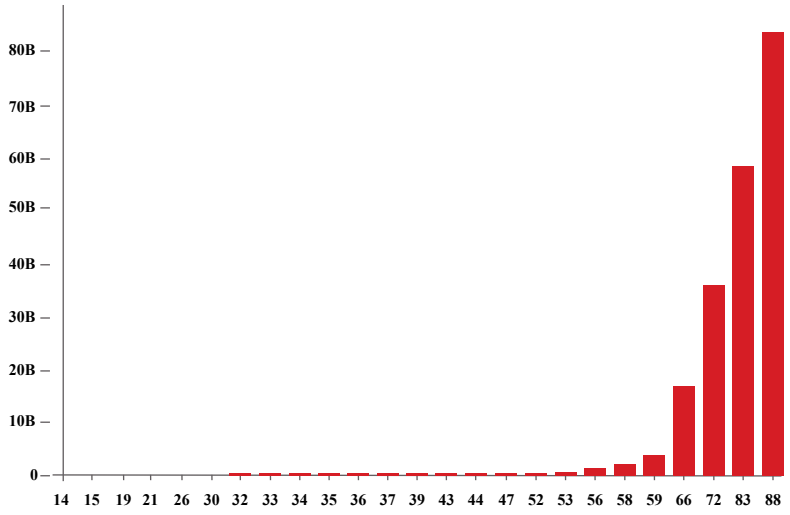
Há uma frase atribuída a Albert Einstein: “Juros compostos são a oitava maravilha do mundo. Aquele que entende ganha. Aquele que não entende paga”.

Não sabemos, de fato, se o autor dessa frase foi o gênio alemão, porém podemos atestar sem dúvida que seu conteúdo é verdadeiro.

Outro exemplo que podemos citar é o próprio Warren Buffett, que obteve a maior parte de sua fortuna depois dos 50 anos.

Observe o gráfico da evolução patrimonial da lenda dos investimentos.

Evolução da fortuna de Warren Buffett em dólares



Vemos, assim, que os bilhões de dólares de Buffett só foram conquistados em um período longo – quando os juros compostos agem de forma mais acelerada.

Outro exemplo a que podemos recorrer, principalmente para aqueles que acreditam que o tempo de investir já passou, é a história do **Coronel Sanders**, fundador do **Kentucky Fried Chicken** (KFC).

Muitos acreditam que, se não atingirem suas metas aos 30, 40 ou 50 anos, não poderão mais alcançá-las durante a velhice. Todavia, a história de Sanders é a prova de que isso não é verdade.

Harland David Sanders se tornou responsável pelo sustento de seus irmãos desde muito cedo, em virtude da morte de seu pai. Dessa maneira, trabalhou incontáveis anos como vendedor, agricultor e bombeiro.

Quando já tinha cerca de 40 anos, com a Grande Depressão americana, começou a fazer uma receita de frango frito e a vendê-la pelo país de porta em porta. Posteriormente, conseguiu abrir uma rede de lojas por meio de franquias.

Dessa forma, somente depois dos 70 anos ele conseguiu vender o KFC, embolsando cerca de US$ 2 milhões na época.

Portanto, o investidor deve ter em mente que a melhor hora para investir é agora: não importa se o aporte será pequeno. Quanto antes ele começar, maior será seu retorno. Por outro lado, mesmo que o tempo tenha passado, nunca é tarde para começar.

Além disso, a experiência adquirida quando se começa cedo faz com que o investidor entenda os ciclos do mercado, inclusive possibilitando que ele alcance rentabilidades maiores no futuro.

Quer aprender mais sobre investimentos e entender a decisão dos especialistas da Suno sobre diversos ativos? Clique no botão abaixo e garanta agora o seu acesso Suno Premium por apenas 1 real* (por 15 dias)

Clique aqui para acessar esta oferta

**Plano atrelado a renovação automática para o plano Suno Premium Mensal (R$ 62.90) após 15 dias. Cancelamento possível em até 14 dias após a renovação.*

3 Não analisar a qualidade das empresas

Talvez o erro mais comum de todo iniciante seja não avaliar a qualidade das empresas investidas, limitando-se ao preço. Mas não se preocupe: esse também foi um erro de Warren Buffett no início da carreira.

Buffett tinha uma estratégia chamada **guimbas de charuto**, também conhecida como bituca de charuto, que consistia em investir em empresas vendidas por menos que seu valor intrínseco (contábil) para então obter um pequeno lucro – uma última tragada.

A estratégia recebeu esse nome excêntrico porque as empresas investidas eram muitas vezes consideradas ruins. No entanto, como elas eram negociadas abaixo de seu valor patrimonial, era possível conseguir um lucro na venda dos ativos.

Inclusive, uma curiosidade a ser lembrada é que a própria Berkshire Hathaway, indústria têxtil na época, foi comprada por Buffett nessa estratégia.

Entretanto, Buffett percebeu que essa abordagem só era escalável até certo ponto – e continha riscos elevados.

Além disso, ele observou que, embora as empresas de qualidade duvidosa compradas a preços baratos pudessem ter certa atratividade como investimentos de curto prazo, elas eram a base errada para construir um empreendimento grande e duradouro.

Dessa maneira, Buffett proclamou que “é muito melhor comprar uma empresa maravilhosa a um preço justo do que uma empresa justa a um preço maravilhoso”. Sua lógica é muito simples: a qualidade é muito mais importante que múltiplos contábeis baratos.

Nesse sentido, em vez de olhar somente o preço das empresas, Buffett começou a se atentar a inúmeros aspectos que às vezes sequer faziam parte do balanço patrimonial, tais como vantagens competitivas duráveis, administração competente e geração de caixa.

Quando investimos em empresas que não têm uma qualidade adequada, incorremos no risco de o negócio piorar muito além de nossas projeções. O mundo atual é muito mais dinâmico que antigamente: as coisas estão o tempo todo em constante evolução.

Assim, empresas que não dispõem de um valor agregado em seus produtos tendem a se deteriorar ao longo do tempo, justamente o oposto do que os investidores desejam.

Busque sempre estar como sócio daquelas empresas consideradas melhores. Isso vale tanto do ponto de vista do cliente como do reconhecimento, no geral, de que elas são boas para fazer negócio.

Uma forma inicial de você analisar a qualidade de uma empresa é ver como seus resultados se comportaram ao longo do tempo. Por exemplo,

- A receita da empresa é crescente?
- Seu lucro cresceu ao longo do tempo?
- A companhia manteve margens de lucro saudáveis durante sua história?
- A empresa tem um endividamento controlado?

Essas são perguntas que, quando respondidas, permitem avaliar a qualidade de uma empresa.

Atualmente, com o avanço da internet, há cada vez mais ferramentas gratuitas que permitem ao investidor buscar essas respostas. Duas delas que uso e recomendo são o **Status Invest** e o **Suno Analítica.**

4 Ignorar a variável preço

Agora você já sabe a importância de analisar a qualidade, porém esse fator por si só não é suficiente. Antes de o investidor adquirir uma participação em uma companhia, sua análise deve ser relacionada em conjunto com a variável preço.

Isso porque até ótimas companhias no preço errado podem gerar prejuízos irreparáveis, como os exemplos das bolhas financeiras ou quando se paga muito caro em empresas que não correspondem à expectativa de geração futura de caixa.

No capítulo anterior, vimos a mudança da preferência de Warren Buffett, isto é, de companhias justas com preços baratos para companhias excelentes com preços justos.

Observe que Buffett não abriu mão de analisar o preço pelo qual está comprando às ações.

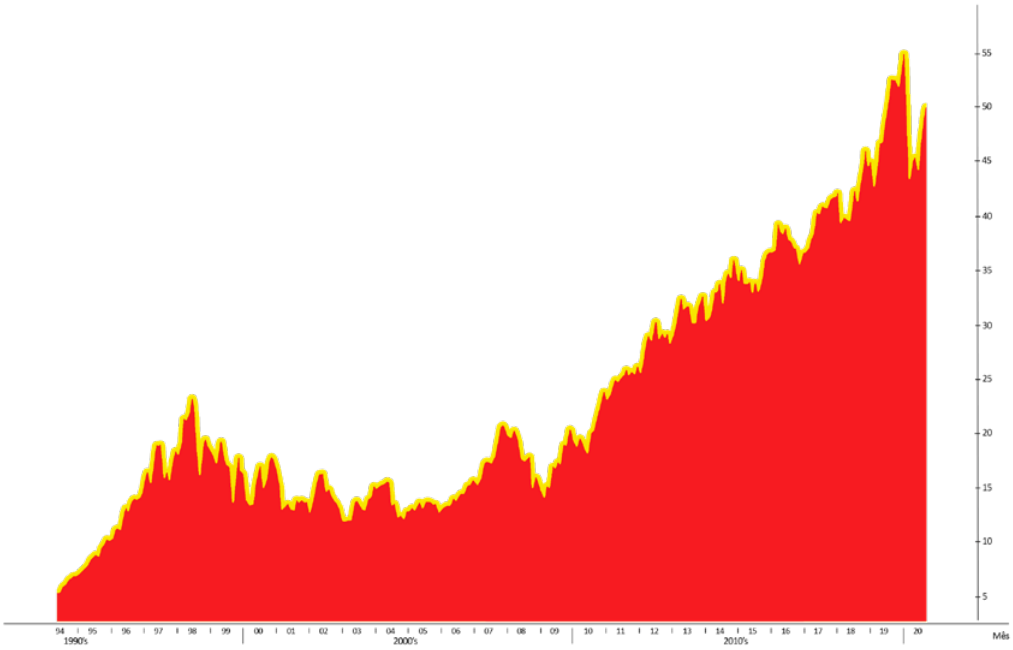
Ao contrário: o megainvestidor é conhecido por comprar empresas somente quando seu **valor intrínseco** é maior que o valor cotado pelo mercado. Dessa forma, ele possa ter uma boa margem de segurança ao investir.

O valor intrínseco de um negócio é o valor presente de todo o dinheiro que será gerado por ele no futuro. Essa taxa é importante, porque o valor do dinheiro varia no tempo. Isto é, R$ 1.000,00 hoje não equivalem a R$ 1.000,00 ano que vem. R$ 1.000,00 hoje são mais valiosos, pois você pode aplicar esse dinheiro e elevar seu valor ao longo do tempo.

Nesse sentido, quando os múltiplos das empresas estão muito altos em relação à sua capacidade de entregar resultados, mesmo que apresentem uma qualidade acima da média, Buffett não realiza a compra.

Podemos citar o exemplo da **Coca-Cola**, que em 1998 negociava a 50 vezes o lucro. Como sabemos, era e é uma ótima companhia, com uma qualidade inequívoca. Todavia, o papel ficou décadas sem se valorizar, mesmo com a empresa crescendo todos os anos.

Veja o gráfico da cotação para compreender.



Durante mais de 12 anos, as ações dessa excelente empresa apresentaram retorno negativo. Sem dúvidas, o motivo pelo qual elas não continuaram se valorizando é porque já naquela época o mercado embutia um alto crescimento no preço.

Isto é, a cotação de 50 vezes o lucro já presumia que a empresa cresceria significativamente nos anos seguintes. O crescimento da empresa de fato aconteceu, mas sem representar uma alta em sua cotação.

Desde 2010, quando passou a negociar em um preço muito mais atrativo em relação à sua capacidade de gerar lucros, a empresa voltou a valorizar.

Nesse contexto, quando o investidor negligencia os preços altos de algumas empresas, ele corre o risco de ver seu patrimônio lateralizar-se por anos, sem que haja valorização alguma.

Além disso, preços altos normalmente estão relacionados à expectativa de grande crescimento. Sendo assim, caso esse crescimento expressivo não ocorra por qualquer motivo (entre inúmeros possíveis), a cotação cairá significativamente.

Dessa forma, o investidor deve estar atento não só à qualidade da companhia escolhida para investidor, mas também ao preço certo para comprar.

É compreensível que, para investidores iniciantes, seja muito difícil avaliar o preço de uma ação, ou seja, realizar o famoso *valuation*. Para isso, porém, o investidor pode terceirizar esse trabalho para profissionais especializados, como as casas de análise de investimento ou mesmo os fundos de investimento.

Já para aprender *valuation*, caso seja de seu interesse, sugiro começar tentando entender os múltiplos de preço. Uma ótima forma de fazer isso é acessando o **Status Invest** e clicando na interrogação de cada múltiplo. Dessa forma, você pode ver o múltiplo de uma empresa acompanhado da explicação daquele indicador.

Uma vez entendidos os conceitos de múltiplos, o investidor pode partir para modelos simples de *valuation,* como o **modelo de Gordon**, para só então começar a analisar modelos mais complexos e profissionais, como o **modelo de fluxo de caixa descontado**. Vale lembrar que o investidor que não desejar ter todo o trabalho de realizar um *valuation* pode terceirizar essa tarefa.

Quer aprender mais sobre investimentos e entender a decisão dos especialistas da Suno sobre diversos ativos? Clique no botão abaixo e garanta agora o seu acesso Suno Premium por apenas 1 real* (por 15 dias)

Clique aqui para acessar esta oferta

**Plano atrelado a renovação automática para o plano Suno Premium Mensal (R$ 62.90) após 15 dias. Cancelamento possível em até 14 dias após a renovação.*

5 Não diversificar

Quando ouve sobre investir, o investidor iniciante logo pensa em uma ou duas ações específicas quando, na verdade, o ato de investir está sempre relacionado com um **portfólio**. Ou pelo menos deveria estar.

Portfólio é um conjunto de produtos financeiros, também chamados de **ativos** – sejam ações, sejam cotas de fundos imobiliários, sejam títulos de renda fixa.

Dessa forma, ao entrar na renda variável, muitos acreditam que se trata de um verdadeiro cassino, em que a ação escolhida levará todas as fichas.

No entanto, isso é uma visão equivocada. Investimento tem que ser sinônimo de segurança, perenidade e tranquilidade; não de "tudo ou nada".

Nesse sentido, a **diversificação** deve fazer parte dos investimentos para limitar a exposição a prejuízos significativos no mercado. Por exemplo, em momentos de forte estresse do mercado, em que as bolsas caem significativamente, o investidor que dispuser de um portfólio diversificado terá uma proteção – ele não será empurrado para fora do jogo.

Dessa forma, caso o investidor esteja muito exposto em um ativo específico, se algo de negativo acontecer, poderá haver uma perda irrecuperável de patrimônio.

É verdade que a diversificação também pode limitar a extensão de uma alta de ganhos, e é exatamente por isso que muitos investidores acabam se afastando dela. Preferem se expor a pouquíssimos ativos para tentar alcançar uma rentabilidade muito superior à do mercado.

Porém, é preciso lembrar que, quanto maior for o retorno almejado, maior também será o risco. E a diversificação serve exatamente para diminuir o risco, reduzir a volatilidade e melhorar o retorno dos investimentos no longo prazo.

Isso porque, quando diversificamos entre diferentes classes de ativos, setores e geografias, minimizamos os riscos inerentes às peculiaridades dos negócios e das localidades, isto é, de infortúnios imprevisíveis.

Ainda vale ressaltar que diversificação não consiste apenas em combinar ações e títulos em um portfólio. É necessário entender como os tipos de ações e títulos interagem entre si, ou seja, a relação entre eles.

Por exemplo, de nada adianta ter várias ações que estão no mesmo setor e na mesma região. Afinal, se algo acontecer no segmento, todas as companhias serão afetadas.

Entretanto, caso haja diversificação entre setores e localidades, mesmo que um ou outro setor seja afetado por algum motivo, sobrarão outros ativos não afetados.

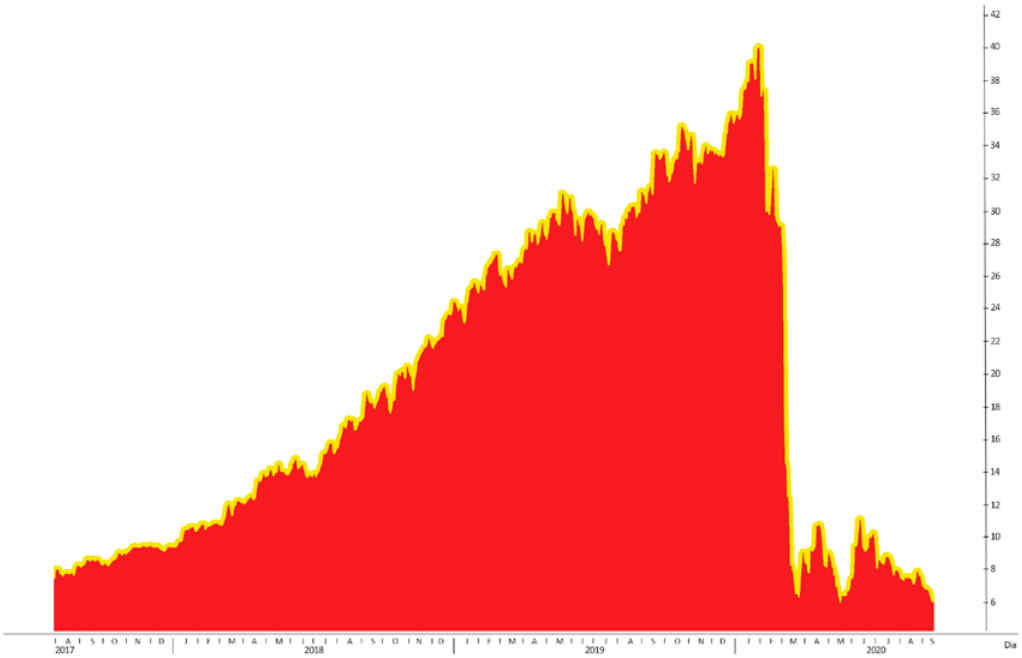
Nesse sentido, existem dois tipos de possíveis riscos.

- **Risco sistêmico** – é o risco que se refere a todas as empresas de uma economia. Ou seja, fatores de risco sistêmico que não afetam somente uma determinada companhia, mas sim muitos agentes econômicos (ou todos eles). Por exemplo, uma crise econômica.

- **Risco não sistêmico** – é aquele ligado somente a algumas poucas empresas ou a algum determinado setor. Assim, pode ser definido como o oposto do risco sistêmico. Por exemplo, uma fraude contábil no balanço de uma companhia ou a redução dos preços de determinado *commodity*.

A diversificação do portfólio busca justamente proteger o portfólio do risco não sistêmico, isto é, específico de algum ativo ou setor. Por exemplo, imagine que um investidor optou por não diversificar e concentrou 50% de seu patrimônio em um único ativo, a IRB Brasil Resseguros (IRBR3).

Como sabemos, a cotação dessa empresa caiu expressivamente, indo de R$ 44,83 a R$ 6,72 em poucos meses. A queda se deu pela fraude contábil do balanço da companhia, realizada por antigos funcionários.



R$ 100 mil aplicados em IRB em janeiro de 2020 se tornaram R$ 15 mil em setembro do mesmo ano.

Nesse contexto, o investidor que tinha uma concentração elevada na companhia foi levado à ruína, tendo perdido parte significativa de seu patrimônio – possivelmente de modo irreversível, sobretudo se uma venda foi executada.

No entanto, caso estivesse diversificado, esse risco não sistêmico não teria afetado significativamente seu portfólio.

No gráfico a seguir, vemos uma sugestão de quantidade de ativos que minimizam o risco não sistêmico no portfólio.

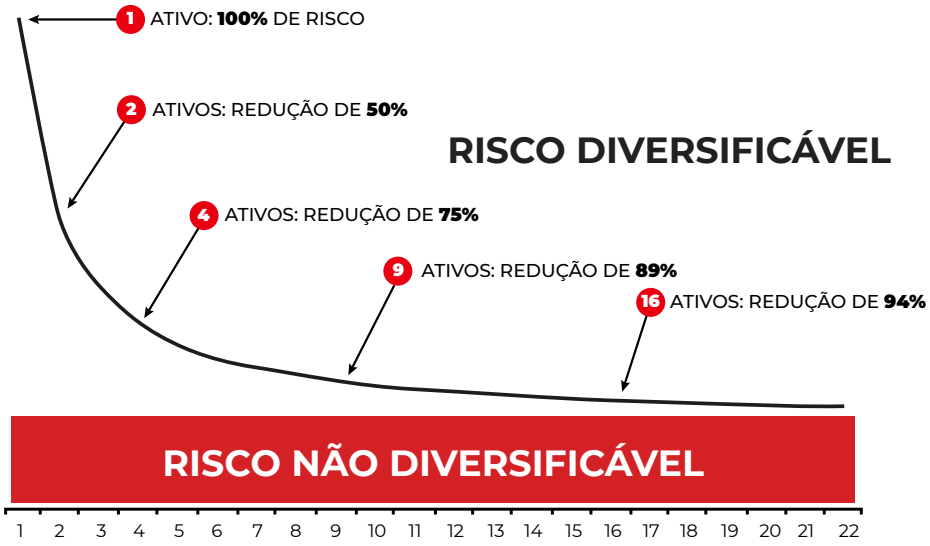


Gráfico de risco x diversifcação. O risco cai conforme se diversifica a carteira.

Um dos principais métodos de diversificação conhecida é o **modelo de Yale**, utilizado por diversos gestores e investidores como uma técnica de distribuição de ativos em um portfólio.

O modelo de Yale é baseado na divisão de um portfólio entre ações, imóveis (fundos imobiliários), *venture capital* (capital de risco), *private equity* (empresas privadas) e *hedge funds* (fundos de investimento arrojado). De início, vemos que ele tenta evitar classes de ativos com baixo retorno, como os da renda fixa e os atrelados às *commodities*.

A grande vantagem para o investidor do modelo de Yale é que a volatilidade da renda variável cai de maneira significativa. Dessa forma, o investidor consegue lidar com as flutuações do mercado de maneira mais fácil, não correndo o risco de vender bons ativos em momentos de baixa.

Você pode, no seu portfólio, fazer uma adaptação do modelo de Yale com os ativos disponíveis à pessoa física. Uma forma de investir de que pessoalmente gosto bastante é diversificar entre diferentes classes de ativos, como ações, fundos imobiliários, renda fixa e investimentos no exterior.

6 Viés de confirmação

Viés de confirmação é a tendência que o investidor tem de preferir informações que confirmem suas crenças ou hipóteses, independentemente de serem ou não verdadeiras.

Ou seja, é a tendência de ignorar tudo o que diverge de suas crenças, mesmo que os fatos negativos sejam verdadeiros e os positivos sejam falsos. Assim, quaisquer sinais contrários às crenças são imediatamente desconsiderados, levando-se em conta tão somente os pontos positivos.

Um exemplo clássico e simples é o do investidor que observa uma empresa para virar acionista, mas lê ou procura apenas informações favoráveis a ela. Ele deixa de enxergar a realidade, imaginando uma ilusão.

Quando os iniciantes entram na bolsa, logo acham uma queridinha para chamar de sua. O engraçado é que, ao escolher uma empresa, o investidor às vezes acaba imaginando-a como algo diverso do que ela realmente é. A identificação com a companhia faz com que ele a veja de forma positiva, não importa o que aconteça.

De certa maneira, é gratificante ouvir outras pessoas concordando com nossa tese de investimento. É normal gostar de elogios: eles fazem parecer que o trabalho de análise valeu a pena.

No entanto, no mundo dos investimentos, a parcialidade pode ser completamente desastrosa. Isso porque são justamente os comentários e as notícias negativas que ajudam o investidor a entender os pontos fracos de sua tese. E toda tese, por melhor que seja, tem pontos mais delicados.

Esse viés leva o investidor a não admitir estratégias de investimento fracassadas, além de não vender ativos em que esteja sofrendo

prejuízo.
Portanto, o investidor deve ficar atento, buscando sempre manter a imparcialidade diante da análise de seus investimentos. Sem dúvidas, isso gerará retornos muito positivos. Uma forma muito simples de fazer isso é buscar ouvir com muita atenção a opinião de quem está contrário à sua tese de investimentos.

Por exemplo, vamos supor que você compre ações do Banco Itaú e acredite muito em seu potencial. Você deve ouvir com muita atenção e avaliar os pontos de quem acredita que Itaú não será um bom negócio.

Assim, você verá se sua análise está correta de fato – ou se você cometeu algum erro ou ignorou algum ponto relevante. Não tenha medo de mudar sua análise: os melhores investidores fazem isso.

O próprio Tiago Reis já me contou de quando suas ações do Facebook, na ocasião do IPO da companhia, pareciam-lhe um investimento ruim.

Na época, as ações estavam cotadas a US$ 40. A empresa, então, valorizou-se bastante; ao refazer a análise, Tiago percebeu ali uma ótima oportunidade de investimento. Então, ele comprou as ações por US$ 140 dólares.

Enquanto escrevo, elas estão avaliadas em cerca de US$ 280, ou seja, um retorno de aproximadamente 100%. Portanto, evite o viés da confirmação e não tenha medo de mudar de opinião. Como dizia o grande economista John Maynard Keynes, “quando os fatos mudam, eu mudo de opinião”.

7 Excesso de confiança

Esse erro nada mais é do que a tendência que alguns investidores têm de confiar excessivamente em seus próprios conhecimentos e opiniões, superestimando a própria capacidade e menosprezando o mercado.

O excesso de confiança influencia a crença de que o investidor é mais inteligente para controlar os eventos e riscos do que realmente é. Também faz com que ele acredite que dispõe de uma capacidade de análise acima da média em relação às outras pessoas.

Esse viés acaba tornando o investidor mais otimista quanto aos resultados esperados e mais confiante na precisão de suas projeções.

Dessa forma, ele crê que está sempre certo em suas escolhas – e atribui seus erros a fatores externos. Assim, quando consegue lucro, o investidor excessivamente confiante acredita que isso ocorreu tão somente por sua ótima análise.

Por outro lado, quando aufere prejuízos, ele acredita que isso ocorreu em razão de circunstâncias imprevisíveis, que ninguém poderia ter previsto.

Nesse contexto, devemos ter muito cuidado para não apresentar excesso de confiança quando vamos cuidar dos nossos investimentos.

Afinal, quando um investidor está confiante em excesso, ele pode acabar concentrando grande parte de seu capital em um único investimento.

Esse investidor acredita que é o único a ver algo – e que ninguém mais tem a capacidade intelectual de encontrar aquilo. No entanto, como vocês devem imaginar, isso não é verdade.

Portanto, devemos nos vigiar – constantemente – em busca de fornecer imparcialidade à análise. Dessa forma, conseguimos nos afastar dos vieses que nos impedem de galgar grandes ganhos no mercado.

Alguns acreditam que o excesso de confiança aconteça somente com os iniciantes. Mas a verdade é que até grandes investidores já afirmaram que foram confiantes demais em si mesmos e que, por esse motivo, erraram em suas teses.

Inclusive, um fato curioso é que os maiores erros dos grandes investidores ocorrem tipicamente logo após grandes acertos. Pois eles se enchem de confiança e podem negligenciar um fator importante na análise seguinte.

Existem inúmeras maneiras de evitar essa situação. A mais importante delas consiste em entender que o mercado, no longo prazo, é soberano: os preços são o que são.

Além disso, é preciso ter a humildade de reconhecer que operar na renda variável é uma atividade que envolve estudo, disciplina, probabilidade e estatística.

Se o investidor não consegue encontrar pontos negativos em sua tese, certamente ele não está observando com o cuidado que deveria. O maior risco da renda variável é não conhecer exatamente quais são os riscos envolvidos no negócio.

8 Vender os lucros e manter as perdas

Por fim, veremos um erro mais comum do que parece, resultado de todos os erros vistos até agora.

Com muita frequência, o investidor iniciante tende a se desfazer rapidamente dos investimentos que deram certo. Por outro lado, segura por muito tempo investimentos que estão dando prejuízo.

Parte desse erro provém de uma percepção errônea acerca da filosofia do ***buy and hold***.

A filosofia citada consiste em uma estratégia de investimento em que um investidor compra ações e as mantém por um longo período. Dessa forma, trata-se de uma estratégia com visão de longo prazo, beneficiando-se dos rendimentos e da valorização do papel.

Além disso, o investidor que usa essa estratégia é beneficiado ao reduzir os gastos com corretagem, emolumentos e impostos, os quais ele teria de pagar caso fizesse movimentações constantes no portfólio.

No entanto, manter para o longo prazo não significa, de maneira nenhuma, esquecer as empresas. Esse talvez seja o maior equívoco do investidor iniciante.

O *buy and hold* se baseia em comprar empresas de qualidade, as quais gerarão cada vez mais valor aos seus acionistas. Dessa forma, com o passar do tempo e a conclusão de seus projetos, as companhias de qualidade elevada têm a tendência de entregar retornos acima do mercado.

Mas isso não significa que o investidor pode comprá-la e esquecê-la: ele deve acompanhá-la de perto, verificando com frequência seus fundamentos.

Assim, caso haja uma mudança significativa nos fundamentos da empresa, seja de governança, seja por obsolescência, seja por qualquer outro motivo, o investidor deverá se desfazer dela.

As empresas são organismos vivos: elas estão em constante mudança. O investidor deve entender essas mudanças.

A empresa podia ser muito boa quando foi comprada, mas, com o passar dos anos, ficou obsoleta, sem acompanhar a tecnologia. O fato de o investidor manter posições cujos fundamentos estão deteriorados faz com que um pequeno prejuízo agora se transforme em uma grande perda no futuro.

Portanto, o investidor não pode esquecer suas empresas, sob pena de amargar uma perda irrecuperável em seu patrimônio. Ele deve estar atento às mudanças.

Devemos ter humildade para aceitar que nossas capacidades analíticas podem não ter sido suficientes para observar algo no momento de investir na empresa. Assim, temos que aceitar o erro, amargar o prejuízo e evitar que isso se repita.

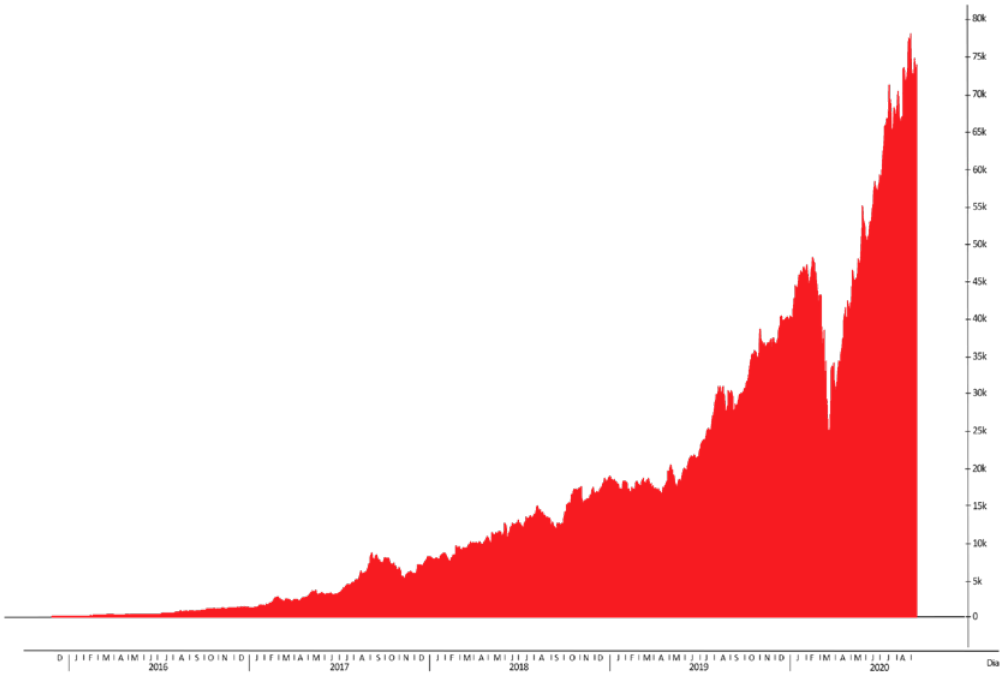
Paralelamente, outro erro do investidor é, ao perceber uma pequena valorização da companhia, logo vende-la para embolsar o lucro, com medo de que ela caia novamente.

Entretanto, o fato é que uma empresa de qualidade tem a tendência natural de crescer no longo prazo. Quanto mais o tempo passa, mais ela amadurece – seus projetos são concluídos; sua escala aumenta; seus custos diminuem etc.

Na verdade, quando o investidor vende as ações que subiram, mas mantém as que caíram, ele está vendendo a tese de que acertou. Todavia, permanece com a tese equivocada, porque não aceita que pode estar errado.

Sobre esse erro, podemos dar dois exemplos distintos. O primeiro é fazer uma análise da **Magazine Luiza.**

No gráfico a seguir, vemos o tamanho de sua valorização.

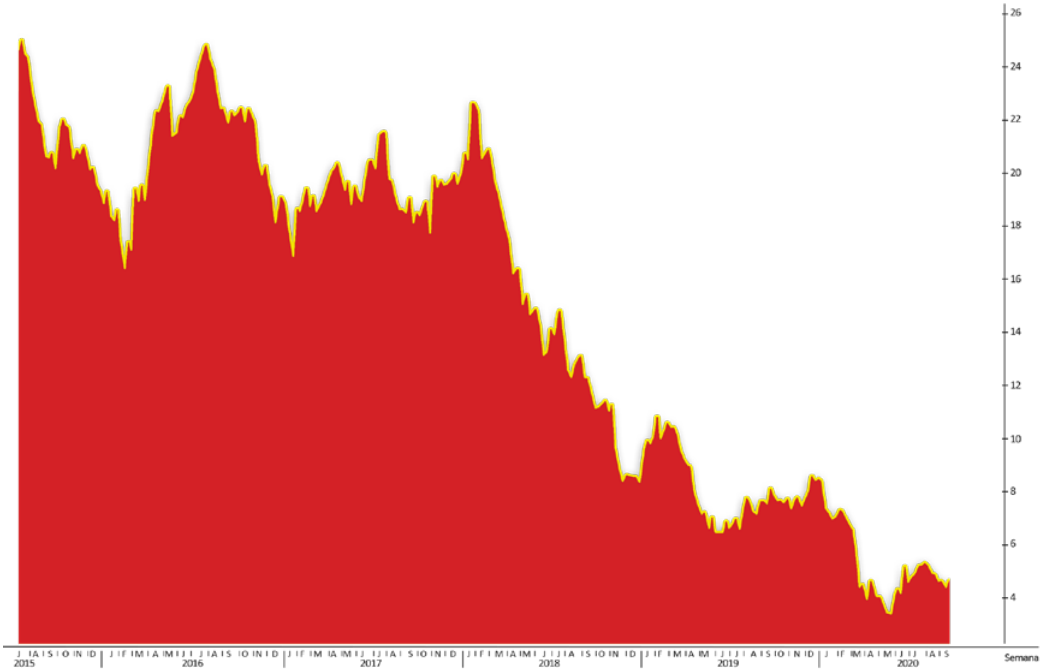


Ou seja, R$ 100 aplicados em Magazine Luíza em dezembro de 2015 teriam se tornado R$ 75.000,00 em setembro de 2020. Da mesma forma, R$ 10.000,00 aplicados teriam se tornado R$ 7.500.000,00; R$ 100.000,00 aplicados teriam se tornado R$ 75.000.000,00.

Desse modo, vemos que ela obteve uma rentabilidade expressiva nos últimos anos. Isso ocorreu uma vez que a qualidade da empresa aumentou significativamente: ela se expandiu, investiu em tecnologia e ganhou escala e rentabilidade.

Dessa forma, caso o investidor tivesse vendido a ação no começo da valorização, ele teria tido um retorno muito pequeno se comparado com o retorno que a companhia atingiu no longo prazo. Sem dúvidas, o investidor ficaria com uma grande frustração.

Por outro lado, quando olhamos a cotação da **Cielo**, vemos que ela se deteriorou substancialmente com o tempo.



Um dos motivos para essa queda foi o aumento da competição no setor. Além disso, a cultura da empresa não era focada na criação de valor ao cliente, com produtos caros e de baixa qualidade.

O investidor que não acompanhou as mudanças no setor, comprou as ações a R$ 25 e as manteve até setembro de 2020, por exemplo, possivelmente terá um prejuízo irrecuperável. No mínimo, poderia ter obtido um resultado muito melhor associando-se a outras empresas.

Portanto, o investidor deve estar sempre atento à qualidade da empresa. Afinal, é essa qualidade que mostrará se ele deve manter ou vender suas ações.

Conclusão

Vimos no decorrer deste ebook os principais erros cometidos pelo investidor iniciante ao começar a investir na renda variável. Por consequência, aprendemos a importância de não se deixar levar pelo senso comum e pelos erros corriqueiros, os quais acabam corroendo a rentabilidade do portfólio.

Além disso, vimos a importância de manter expectativas realistas para os retornos esperados, sem tomar riscos desnecessários em busca de rendimentos fantasiosos.

Uma dica que sempre compartilho com os investidores é registrar erros e acertos. Assim, você pode ver onde falhou e onde obteve êxito – o que evita a repetição dos erros e possibilita uma chance maior de acertos.

Além disso, ao realizar um novo investimento, se possível, anote os motivos que te levaram a fazê-lo, bem como os possíveis motivos que poderiam te fazer mudar de ideia sobre aquela escolha.

Também aprendemos ensinamentos importantes com o megainvestidor Warren Buffett. Entre eles, o fato de que a qualidade dos ativos investidos é importante para a criação de valor no longo prazo. Ademais, é interessante comprá-los por um preço justo, e não estratosférico.

De fato, aprendemos com o melhor.

Por fim, descobrimos quais são os vieses que distorcem a análise dos investidores, tirando-lhes a imparcialidade e a assertividade na hora de escolher em quais ativos investir.